ISSN 2237-258X

RESENHA

Formação docente: algumas considerações sobre as políticas e as Faculdades de Educação

Educational formation: some considerations on polices and Colleges of education

Formación de instructores: algunas consideraciones sobre las políticas y las Faculdades de educación

COELHO, W. N. B., MÜLLER, T. M. P., SILVA, C. A. F. (Org.). *Formação de professores, livro didático e escola básica.* São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. 196 p.

Rafael Nunes Rosa*

Renato Amorim**

A coletânea *Formação de professores, livro didático e Escola Básica*, organizado por Wilma de Nazaré Baía Coelho, Tânia Mara Pedroso Müller e Carlos Aldemir Farias da Silva, foi publicado em 2016, pela editora Livraria da Física e contem 196 páginas. Os autores, que respondem pela organização do volume, são professores universitários, sendo que, Coelho e Silva lecionam na Universidade Federal do Pará (UFPA) e Müller na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Sete capítulos, compõem a presente coletânea. O primeiro capítulo: "Preconceitos e discriminação para além das salas de aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar" de autoria de Wilma de Nazaré Baía Coelho juntamente com Mauro Cezar Coelho. O segundo é escrito por Wilma de Nazaré Baía Coelho e Carlos Aldemir Farias da Silva: "Preconceito, discriminação e sociabilidades na Escola Básica". O terceiro é desenvolvido por Lívia Jéssica Messias de Almeida, que aborda: "O estado da arte do livro didático de Língua Portuguesa com ênfase em racismo e nas relações raciais". "O ensino de Artes como construtor de universalidades e suas implicações no livro didático" de autoria de Marcelo Pereira Cucco e Tânia Mara Pedroso Müller corresponde ao quarto capítulo do volume. O quinto "Uma Sociologia para quem e para quê? Relações raciais no livro didático de Sociologia" escrito por Luiz Fernandes de Oliveira. No sexto "Ensino de Filosofia e relação étnico-raciais: formação docente, PNLD e perspectivas antirracistas", desenvolvido por Renato Noguera, Ellen Aparecida de Araújo Rosa e Katiuscia Ribeiro Pontes. Por fim, "Teoria educacional e prática governamental: Brasil e África na geografia escolar", escrito por Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini, corresponde ao sétimo e último capítulo do livro.

O texto de Wilma de Nazaré Baía Coelho juntamente com Mauro Cezar Coelho, os autores tem por objetivo entender como os discentes que cursam respectivamente os oitavos e nonos anos da educação básica interagem com o ambiente escolar, numa perspectiva étnico raciais, percebendo de que maneira os alunos lidam com o preconceito e a discriminação existente nesse espaço. A instituição escolar foi escolhida pelos autores por nela apresentar um

* Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Paranaíba. E-mail: rafa.pba@hotmail.com

** Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Paranaíba. E-mail: renato.c.s.uems@live.com

ambiente ideal para disseminação de práticas culturais, interação e relações sociais, sendo que por meio dela os mais jovens aprendem como viver no meio social adulto e, principalmente no seu interior onde as lógicas desiguais são efetivamente reproduzidas. A pesquisa foi realizada com 147 estudantes periféricos da rede municipal de ensino da cidade de Belém, no estado do Pará, sendo coletado os dados para analise por meio de questionários semiestruturados respondidos pelos educandos.

No desenvolvimento do capítulo, Wilma de Nazaré Baía Coelho e Mauro Cezar Coelho, expõem por meio de tabelas como foi o andamento da pesquisa e, a maneira que foi encaminhada suas análises. Descobriram que na escola existe a reprodução de intolerância religiosa, discriminação por não estar no padrão de beleza comumente constituído pela mídia e instituições que historicamente detém a legitimidade para tal parecer perante a sociedade. O preconceito é disseminado, engendrado num processo histórico de exploração das forças produtivas dos escravos negros por séculos no Brasil e, persiste mesmo depois de 129 anos de abolição "oficial" da escravidão. Concluem que a formação do educando não se dá apenas em sala de aula, todavia, acontece no ambiente escolar, em todas as fases e lugares da escola. Também chegaram à conclusão de que os professores não percebem as atitudes tomadas fora da sala de aula pelos alunos, como de responsabilidade do mesmos, podendo intervir para tentar mediar ou solucionar conflitos, contudo, preferem ver a condutas dos discentes como má educação advindas de casa e, não cabe a ele como professor intervir, já que não está presente em suas atribuições burocráticas. "Os momentos fora da sala de aula são percebidos como da alçada de supervisores, não raro sem formação pedagógica" (COELHO; COELHO, 2016, p. 42).

Wilma de Nazaré Baía Coelho e Carlos Aldemir Farias da Silva têm por objetivo analisar as relações e interações sociais vividas por discentes do 8º e 9º anos de uma instituição escolar localizada em Belém do Pará. Identificaram nessa escola as atitudes relacionadas ao preconceito e a discriminação. Por meio de pesquisa com os educandos através de questionários e dados do senso. Descobrem que tanto pais como filhos utilizam seu tempo assistindo televisão, sendo que os adultos gastam mais tempo com ela em programas como jornal, esportes e outros de entrevistas com ou sobre celebridades. Já as crianças utilizam seu tempo em atividades na rede mundial de computadores e, por conseguinte, o manuseio de aparelhos tecnologicamente avançados permite que os alunos tenham o "mundo" nas mãos, de posse do mesmo, carregam essa bagagem adquirida na internet para a Escola, causando vários conflitos. Segundo os autores as crianças seguem a tendência que norteia os rumos de uma sociedade que se transforma. "Assim, as relações de sociabilidades na contemporaneidade se alteram, se reinventam e se modificam a partir dos dedos das mãos" (COELHO; SILVA, 2016, p. 51).

Os autores utilizam como autor de referência Pierre Bourdieu. Munidos das ideias desse intelectual verificaram que na escola existe é recorrente a utilização de adjetivos pejorativos que demostram uma disseminação do racismos e uma efetivação do preconceito. Evidenciam que as mídias de forma geral influenciam os educandos, a famílias deles. Embora os autores não tratem em seu texto é pertinente afirmar que os veículos de informação para as massas atingem educadores, diretores, coordenadores e toda a comunidade escolar. As mídias frequentemente trazem o racismo, de modo humorizado e naturalizam essas relações, como se os negros fossem inferiores e nascessem dotados dessa pré-disposição. Concluem, mesmo com a Lei nº 10.639/2003, que inclui no currículo o ensino da história Afro-brasileira nas escolas, ainda há muito para ser feito. Sem desconsiderar as demais instituições formadoras do indivíduo tais como: Igreja, Escola e Família, os autores apontam também as "mídias", por considerarem que as várias práticas racistas não se iniciam nas escolas, entretanto, essas instituições potencializam ou minimizam tais ações. Mesmo não estando na unidade escolar a gênese das desigualdades e as discriminações por ali perpassam. Todavia, se as mídias revelam-se como

um agente para proliferar preconceitos, ela se bem utilizada pode ajudar no combate às desigualdades.

O texto "O estado da arte do livro didático de Língua Portuguesa com ênfase em racismo e nas relações raciais" Lívia Jéssica Messias de Almeida analisa o conteúdo dos livros de Língua Portuguesa procurando identificar nesses materiais a presença de fatores que corroboram com a disseminação e preconceito racial. Para a autora, o livro didático carrega um caráter mercadológico, ou seja, é um produto que movimenta economicamente o setor editorial e deter o monopólio dessa mercadoria significa altos rendimentos. Concebe o livro escolar como elemento que adquire uma posição de destaque no trabalho do professor, visto que ele determina as ações do mesmo norteando o "aprendizado" do aluno e identifica a conivência das classes dominantes em reproduzir os conteúdos abordados nos livros didáticos. Contudo, Almeida defende que este material para continuar sendo utilizado em sala de aula deve ser reformado, assumindo o papel de alicerce na construção do conhecimento, já que o livro didático caracteriza-se "como um objeto cultural que apresenta perspectivas do discurso científico, do discurso pedagógico e do discurso midiático" (ALMEIDA, 2016, p. 94). Entretanto, quaisquer modelo de livro didático com a ideia de manual, colocado em conteúdos simplificados, resumidos e sintéticos, não poderão atender a real necessidade das camadas mais baixas da população em apreender o conhecimento historicamente construído, sendo que para tal feito os clássicos precisam ser consultados, pois são densos.

Almeida debruça-se sobre seis textos produzidos entre 2001 e 2009, que analisam a presença do negro nos livros de Língua Portuguesa, indicado para os anos iniciais do ensino fundamenta e nestes materiais a autora identifica uma valorização da cultural eurocêntrica em detrimento da Afro-brasileira, nas ilustrações, por exemplo, é utilizado o negro em situações pontuais, ademais a figura do branco é predominante, retirando ou dificultando de maneira incisiva que a criança negra construa um representação positiva em relação a sua cultura. Sem dúvida a Lei nº 10.639/03 diminuiu preconceitos explícitos, todavia, ainda persiste práticas racistas encobertas ou mesmo floreadas fazendo-a se passar por "Lei para inglês ver".

No texto de Marcelo Pereira Cucco e Tânia Mara Pedroso Müller emergem aspectos históricos que contribuem para compreender elementos presentes na Arte, que ela carrega em si visões de mundos, construindo e perpetuando universalidades. De acordo com os autores, a arte reproduz uma visão eurocentrada de um modelo civilizatório na qual se estende para as colônias, consolidando-se nas produções simbólicas, educação, arte, política e etc. Essas marcas colonialistas também estão presente na produção do conhecimento cientifico sobre a arte no Brasil. O racionalismo científico tornou-se uma visão hegemônica banindo outras subjetividades alternativas que sejam consideradas nocivas. Essas implicações afetam diretamente e indiretamente questões sobre o ensino de arte na educação, deste os Parâmetros Curriculares Nacional de Artes (PCN-Arte) até a sala de aula, o ensino pode configurar mero elemento contemplativo das obras sem a devida criticidade. Não demonstrando os elementos simbólicos que as constituem.

Um exemplo que os autores trazem à tona sobre o ensino de artes, refere-se ao dia da Consciência Negra, onde professores que não tem uma formação adequada e continuada, simplificam o conceito sobre a utilização de máscaras em rituais africanos, transformando em meros enfeites no mural da escola. Negando ou silenciando o referencial simbólico presente nas máscaras. Essas tonalidades estão intrínsecas ao livro didático de artes, podendo cristalizar e perpetuar mecanismo de exclusão social. Os autores enfatizam que as estruturas físicas das escolas, baixos recursos e investimentos em equipamentos, trazem como única fonte de conhecimentos e, às vezes uma fonte de atualização na formação dos professores, o livro didático. Sendo um fator preocupante quando o livro didático se torna a única opção dentro da sala de aula.

Os autores mostram a importância do uso do livro didático pelo professor da área de Artes, identificando o silenciamento e subalternização em detrimento de um discurso homogeneizador eurocêntrico. Sendo o livro didático um elemento dentre o processo de ensino e aprendizagem. Considerando a história da arte, como campo de produção de conhecimento, uma composição que privilegia saberes já decodificados e localizados cientificamente em detrimento a saberes tradicionais e subalternos.

No texto do Luiz Fernandes de Oliveira, na qual é autor de livro didático, traz em seu cerne à questão racial no livro didático, como deve ser feita a crítica que perpassa os jovens, em especial os negros, que se encontra em situação de subalternização em amplos aspectos; econômico, cultural e político. Trazendo no corpus do texto como foi o contexto que possibilitou a construção e escrita do livro didático "Sociologia para jovens do Século XXI" enfatizando elementos que vão deste a experiência do trabalho pedagógico de ação-reflexiva, reflexões e diálogos com a literatura pedagógica e o convencimento político. De acordo com o autor a questão da utilização de materiais didáticos não pode ser compreendido de forma estática, pois fazem parte de uma dinâmica social e pedagógica complexas envolvendo aspectos com concepção de mundos, contexto escolar, linguagens e novas formas de acesso sobre a realidade social.

O autor desenvolve ao longo do texto percepções que afloram no ensino e escolha do material didático a ser utilizado em aula. Traçando uma dimensão simbólica que envolve tanto o professor, o aluno e o livro didático tais como: relações de poder, classes, novas tecnologias, influência midiática, cotidiano dos alunos e etc. Uma das várias questões tratadas no texto é sobre a escrita do tema "relações raciais" dentro do contexto sociológico, que não pode ser abstrata, somente conceitual em termos acadêmicos. Que certas terminologias estabelecem a perpetuação de hierarquias raciais, a discussão desse tema tenciona conflitos subjetivos. Um aspecto importante apontado no texto é sobre como deve ser abordado a questão racial em sala de aula, não devendo ficar somente nas questões negativas que as relações sociais eurocêntricas colonialistas produziram, mas evidenciar a positividade dos fatores e legados históricos dos povos africanos.

Destaca que para desnaturalizar as relações étnico raciais, as contradições da suposta democracia racial, o racismo epistêmico é preciso estabelecer estratégias didáticas, especialmente conflitos de conhecimentos entre outros elementos constituinte da nossa realidade social.

Renato Nogueira, Ellen Aparecida de Araújo Rosa e Katiuscia Ribeiro Pontes fazem apontamentos sistêmicos sobre a formação de professores e a ausência de conteúdo específicos na área de relações étnico raciais. Demonstrando que universidades conceituadas como USP, UFMG e UFRJ há uma escassez de pesquisas relacionadas à cultura africana em seus programas de pós-graduações no triênio 2010-2011-20112. Evidenciaram nos resultados de suas pesquisas na área de graduação e pós-graduação de filosofia nessas três grandes universidades que não há nenhuma disciplina que trate especificamente dos conteúdos de cultura afro-brasileira, história africana e indígenas um dado interessante a ser pensado.

Os livros analisados de filosofia do Plano Nacional do Livro Didático (PNDL-2015), pelos autores, não constam as divergências relacionadas ao surgimento da filosofia. Agregando informações que não aferem a problemática consolidando um senso comum, ignorando as questões filosóficas da África.

Os autores problematizam no texto o conceito de epistemicídio como dispositivo para apagar traços filosóficos africanos, como uma técnica de dominação seja política, social e religiosa. Esse estudo sobre a questão do ensino de filosofia juntamente com o livro didático e sua alocação onde estabelece um certo grau de superioridade da filosofia grega, onde os autores

denominam de helenofilia. Sendo uma ideologia classificatória que estabelece a Grécia como região superior na antiguidade e protagonista na organização do pensamento da filosofia.

A partir do texto de Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini "Teoria educacional e prática governamental: Brasil e África na Geografia escolar" é possível repensar sobre a relação Brasil e África dentro do contexto geopolítico e geográfico em sala de aula. Para Ferracini essa relação pode configurar um imperialismo disfarçado, amenizado pela pauta humanitária. Os aspectos que rondam o corpus textual fazem contribuições que almejam uma criticidade nas aulas de geografia, livro didático e na formação de professores. Identifica as alianças entre o Brasil e África se pautam em relações econômicas, políticas e culturais, o autor lança mão de pressupostos colonialistas para explicar esses laços com países africanos.

De acordo com a autora, essa relação deve ser pensada dentro de uma interdisciplinaridade escolar, trazendo contribuições que possa fortalecer a criticidade desses laços. Um fato importante destacado no texto é a diferenciação do capital brasileiro e europeu em solo africano. Como essas relações de cooperação pode trazer benefícios e malefícios em detrimento de uma agenda capitalista predatória. Ela conduz para uma conclusão que dentro da sala de aula essas questões que permeiam o texto, devem ser tratadas e baseadas no método dialético, para o professor não cair nas armadilhas conteudistas dos livros didáticos.

Por fim, a contribuição do livro aqui resenhado não pode ser medida, se não talvez, por meio das inquietações que dele brotam. Num cenário de constantes debates sobre as práticas racistas nas relações e interações sociais, de propostas impositivas dos governantes e, calorosos movimentos sociais em defesa de melhoria como medidas afirmativas, melhor distribuição de renda, reconhecimentos de direitos, valorização da cultura afro-brasileira entre outros. O livro "*Formação de professores, livro didático e Escola Básica*" nos ajuda a compreender diversas formas de preconceitos apresentados de formas sutis. Considerando vários casos, destacados pela mídia[1], de racismo encontrados em livros didáticos, especialmente em uma escola particular no Recife, em Pernambuco. Nesse volume a editora Formando Cidadãos, propõe um exercício que os estudantes circulem o lar de uma família feliz, mas no enunciado há família negra triste e outra família, de cor branca feliz, com todos sentados à mesa. Um valioso convite para o leitor iniciante debruçar sob a temática racial nos livros escolares e da própria instituição escolar, uma ótima contribuição para professores que estão em processo de formação continuada. Evidenciando as falhas e lacunas encontradas no material didático.

Recebido em: 27/10/2017
Aceito em: 22/01/2018

[1] Disponível em < https://extra.globo.com/noticias/brasil/mae-denuncia-racismo-em-livro-didatico-de-escola-privada-em-recife-editora-rebate-21436592.html>